

**ML 12 – CARTA 46 NA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS (Vol. I)
Mahatma M. sobre HARMONIA e EQUILÍBRIO**

Carta de M. para Sinnett, recebida em 12 de fevereiro de 1882.

Conceber uma *eternidade* de bem-aventurança ou de sofrimento como resultado de qualquer ação de mérito ou demérito de um ser que possa ter vivido um século ou mesmo um milênio em corpo físico, é algo que só pode ser proposto por quem nunca captou a realidade esmagadora da palavra Eternidade, nem refletiu sobre **a lei da perfeita justiça e equilíbrio** que permeia toda a Natureza.

**ML 22 – CARTA 90 – Vol. II
Mahatma K.H. sobre HARMONIA E EQUILÍBRIO
Carta de K.H. para Hume, recebida em outubro de 1882.**

Mas você pensa que está certo ao dizer que “as leis nascem”? Leis imutáveis não podem nascer, porque são eternas e incriadas, impelidas na Fraternidade, e mesmo Deus, se uma tal coisa existisse, nunca poderia ter o poder de pará-las. E quando foi que eu disse que essas leis são fortuitas *em si*? Eu me referi às suas correlações cegas, nunca às leis, ou melhor, à lei – já que nós reconhecemos apenas uma lei no universo, **a lei da harmonia, do perfeito EQUILÍBRIO.**

**ML 16 – CARTA 68 – Vol. I
Mahatma K.H. sobre HARMONIA
Para Sinnett. Recebida em julho de 1882.**

Tudo está tão harmoniosamente ajustado na Natureza – especialmente no mundo subjetivo – que nenhum erro pode jamais ser cometido pelos Tathagatas – ou Dhyán Chohans – que guiam os impulsos.

**ML 85 – CARTA 120 – Vol. II
Mahatma K.H. sobre HARMONIA e JUSTIÇA
Para Sinnett. Recebida em janeiro de 1884.**

É um fato universalmente admitido que o maravilhoso sucesso da Sociedade Teosófica na Índia deve-se inteiramente ao princípio recíproco de tolerância sábia e respeitosa das opiniões e crenças de uns e de outros. Nem mesmo o presidente-fundador tem direito, nem direta nem indiretamente, de interferir na liberdade de pensamento do membro mais humilde, e muito menos de tentar influenciar a sua opinião pessoal.

É somente na ausência desta generosa consideração, que até a mais pálida sombra de diferença arma os buscadores da mesma verdade – em outros aspectos dedicados e sinceros – com o chicote do ódio contra os seus irmãos igualmente sinceros e dedicados. Vítimas iludidas da verdade distorcida, eles esquecem, ou nunca souberam, que **a discórdia é a harmonia do universo.** Assim, na Sociedade Teos., cada parte, como nas *fugas* gloriosas do imortal Mozart, persegue incessantemente a outra em harmoniosa discórdância pelos caminhos do progresso Eterno, para encontrarem-se e finalmente fundirem-se no limiar da meta buscada, formando um todo harmonioso, **a nota-chave na**

natureza [Sat]. A Justiça Absoluta não vê diferença entre os muitos e os poucos. (...)

Todo teosofista ocidental deveria saber e lembrar – especialmente aqueles que quiserem ser nossos seguidores – que em nossa Fraternidade todas as personalidades submergem em uma ideia – **o direito abstrato e a justiça prática absoluta para todos**. E que, embora nós não digamos, com os cristãos, “retribua com o bem a quem lhe faz o mal”, nós repetimos as palavras de Confúcio, “**retribua com o bem a quem lhe faz o bem; a quem faz o mal – JUSTIÇA**”.

ML 10 – CARTA 88 – Vol. II
Mahatma K.H. sobre (DIS)HARMONIA

Nossas ideias sobre o Mal.

De K.H. para Hume, recebida em 10 de setembro.

Copiada por A. P. Sinnett em 28 de setembro de 1882.

O mal não tem existência *per se* e é apenas a ausência do bem; e existe apenas para aquele que é transformado em vítima sua. Ele surge de duas causas e, tanto quanto o bem, não é uma causa independente na natureza. **A natureza é destituída de bondade ou maldade**; ela segue apenas leis imutáveis quando dá vida e alegria ou manda sofrimento e morte, destruindo o que havia criado. A natureza tem um antídoto para cada veneno, e suas leis possuem uma recompensa para cada sofrimento. A borboleta devorada pelo pássaro se torna aquele pássaro, e o pequeno pássaro morto por um animal alcança uma forma mais elevada. Essa é a lei cega da necessidade e da eterna adequação das coisas, e, portanto, não pode ser considerada um Mal na Natureza.

O verdadeiro mal surge da inteligência humana e sua origem está inteiramente no homem que raciocina e que se dissocia da Natureza. Só a humanidade, portanto, é a verdadeira fonte do mal. O mal é o exagero do bem, produto do egoísmo e da ganância humanos. Pense profundamente e descobrirá que com a exceção da morte – que não é um mal, mas uma lei necessária – e de acidentes, que sempre terão suas recompensas em uma vida futura – a *origem* de cada mal, seja pequeno ou grande, está na ação humana, no homem, cuja inteligência faz dele o único agente livre da natureza. Não é a natureza que cria doenças, mas o homem. A missão e o destino dele na economia da natureza é ter uma morte natural provocada por velhice; salvo acidentes, nem um homem selvagem nem um animal selvagem (livre) morrem devido a doenças. Comida, relações sexuais, bebida, são todas necessidades naturais da vida; no entanto, o excesso delas traz doenças, miséria, sofrimento mental e físico; e estes últimos são transmitidos como os maiores males para as gerações futuras, os descendentes dos culpados. A ambição e o desejo de assegurar felicidade e conforto para aqueles que amamos através da obtenção de honras e riquezas são sentimentos naturais dignos de elogios, mas quando eles transformam o homem em um tirano cruel e ambicioso, um miserável, um egoísta, trazem miséria indescritível pra os que estão ao redor dele; e para nações tanto quanto para indivíduos. Tudo isso então – comida, riqueza, ambição, e outras mil coisas que deixamos de mencionar – se torna fonte e causa do mal, seja por causa da sua abundância, seja devido à ausência. Torne-se um glutão, um devasso, um tirano, e você se

transforma em um gerador de doenças, de sofrimento, de sofrimento e miséria humanos. Deixe de lado tudo isso e você passa fome, é desprezado como um *ninguém*, e a maior parte do rebanho, os seus semelhantes, transforma você em um sofredor a vida toda. Portanto, não é a natureza nem uma Divindade imaginária que devem ser acusadas, mas a natureza humana transformada pelo *egoísmo* em algo mau. Pense bem sobre estas poucas palavras; identifique a causa de cada mal em que você pode pensar e localize a sua origem e terá resolvido *uma terça parte* do problema do mal.

E agora, depois de deixar de lado, como é devido, os males que são naturais e não podem ser evitados – e eles são tão poucos que eu desafio todo o conjunto dos metafísicos ocidentais a qualifica-los como males ou a atribuir-lhes uma causa independente – direi a você qual é a maior, a principal causa de cerca de dois terços dos males que perseguem a humanidade desde que esta causa se tornou um poder. [É a religião, sob qualquer forma e em qualquer nação.] É a casta sacerdotal, o clero e as igrejas; é nestas ilusões que o homem vê com sagradas, que ele deve procurar a fonte daquele sem-número de males, que é a grande maldição da humanidade e que quase domina totalmente o gênero humano. A ignorância criou os deuses e a astúcia aproveitou a oportunidade. Veja a Índia, veja a Cristandade, o Islamismo, o Judaísmo, o fetichismo. Foi a impostura dos cleros que fez com que estes Deuses passassem a ser tão terríveis para o homem; é a religião que o transforma no beato egoísta, no fanático que odeia toda a humanidade fora da sua própria seita, sem torná-lo em nada melhor ou mais moral por isso. É a crença em Deus e nos Deuses que faz de dois terços da humanidade escravos de um punhado daqueles que os enganam com o falso pretexto de salvá-los. O homem não está sempre pronto a cometer qualquer tipo de maldade se lhe disserem que seu Deus ou Deuses exigem o crime – vítima voluntária de um Deus ilusório, escravo abjeto de seus ministros astuciosos? Os camponeses irlandeses, italianos e eslavos passarão fome, e verão suas famílias famintas e sem roupa, para alimentar e vestir seu padre e seu papa. Durante dois mil anos a Índia gemeu sob o peso das castas, com os brâmanes engordando só a si mesmos com o melhor da terra, e hoje os seguidores de Cristo e os de Maomé estão cortando as gargantas uns dos outros em nome – e para maior glória – dos seus respectivos mitos. Lembre que a sombra da miséria humana nunca será diminuída até aquele dia em que a parte melhor da humanidade destruir, em nome da Verdade, da moralidade e da caridade universal, os altares de seus falsos deuses.

ML 8 – CARTA 15 – Vol. I

Mahatma K.H. sobre a CHAVE PARA A HARMONIA.

Recebida em 20 de fevereiro de 1881.

K.H. para Sinnett.

Até que a libertação final o reabsorva, o *Ego tem* que ser consciente das simpatias mais puras despertadas pelos efeitos estéticos da arte elevada, e sua sensibilidade deve responder ao chamado dos vínculos *humanos* mais nobres e santos. Naturalmente, à medida que ocorrer o progresso em direção à libertação, isto será mais difícil, até que, para coroar tudo, o conjunto dos sentimentos humanos e puramente individuais – laços de sangue e amizade, patriotismo e predileção racial – cederá seu lugar para um sentimento universal, o único que

é verdadeiro e santo, o único altruísta e Eterno; amor, um amor imenso pela humanidade como um *Todo!*

Pois é a “Humanidade” que é a grande Órfã, a única deserdada desta Terra, meu amigo. E cada homem capaz de um impulso altruísta tem o dever de fazer alguma coisa, mesmo um pouco, pelo bem-estar dela. Pobre Humanidade! Ela me recorda a velha fábula da guerra entre o corpo e seus membros; aqui também, cada membro desta enorme “órfã” – sem pai nem mãe – só se preocupa egoisticamente consigo mesmo. O corpo abandonado sofre eternamente, quer os seus membros estejam em paz ou em guerra. Seu sofrimento e agonia nunca cessam... E quem pode censurá-la – como fazem os seus filósofos materialistas – se nesse isolamento e nesse abandono ela criou deuses aos quais ela “sempre brada por ajuda, mas não é escutada?”